

# DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2019-2023

## MEMÓRIA

- 1962-1965: Concílio Vaticano II
- 1966-1970: Plano de Pastoral de Conjunto - Linhas de ação:
  1. Comunitário-participativa;
  2. Missionária;
  3. Bíblico-Catequética;
  4. Litúrgica;
  5. Ecumênica e diálogo inter-religioso;
  6. Sociotransformadora.
- 1994 - Tivemos a cada 4 anos as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral
- 1995 – Passou a chamar Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora
  1. Inculturação
  2. Exigências intrínsecas da evangelização: serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão.
  3. Proposta para nova evangelização
- 1995-1998 – DGAE – Preparação para o Jubileu
- 1997-1999 – Projeto Rumo ao Novo Milênio
- 2000 – Jubileu do Novo Milênio: NMI
- 2001 – Ser Igreja no Novo Milênio: Atos dos Apóstolos
- 2003 – Projeto Queremos Ver Jesus
- 2003-2006 – DGAE:
  1. Ministérios: Palavra, Liturgia, Caridade
  2. Promover a Dignidade da Pessoa
  3. Renovar a Comunidade
  4. Construir uma sociedade solidária
- 2007 – V CELAM – Documento de Aparecida
- 2008 – Projeto: O Brasil na Missão Continental
- 2008-2010 – DGAE:
  1. Palavra, Liturgia e Caridade
  2. Pessoa, Comunidade e Sociedade (Discípulos Missionários)
- 2011-2015 – DGAE: Urgências da Ação Evangelizadora
  1. Igreja em estado permanente de missão
  2. Igreja: casa da iniciação à vida cristã
  3. Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral
  4. Igreja: comunidade de comunidades
  5. Igreja a serviço da vida plena para todos
- 2015-2019 – DGAE: Urgências da Ação Evangelizadora  
Idem ao anterior  
Discípulo Missionário – Partir de Cristo - Igreja Em Saída

## EVOLUÇÃO DO OBJETIVO GERAL

	<b>EVANGELIZAR</b>
2003-2006	Proclamando a Boa-Nova de Jesus Cristo, caminho para a santidade, por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão, à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, formando o povo de Deus e participando da construção de uma sociedade justa e solidária, a caminho do Reino definitivo.

2008-2010	A partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)
2011-2015 2015-2019	A partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo como Igreja discípula missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.
2019-2023	No Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

Evangelizar	Identidade da Igreja
no Brasil cada vez mais urbano	Reconhece-se a necessidade de uma ação na desafiadora cultura urbana atual.
pelo anúncio da Palavra de Deus	Anunciar + Ouvir = Comunidades Apostólicas + Adesão à Fé no Ressuscitado
formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo	Finalidade: Construir uma relação + participação na missão + Centralidade de Jesus
em Comunidades eclesiais missionárias	Ambiente: Novidade – Ponto chave do projeto = conversão pastoral + romper círculo vicioso + Igreja em saída.
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres	Os preferidos de Jesus + destinatários da ação
Cuidando da Casa Comum	Meta: Preocupação Ecológica – Laudato Si
testemunhando o Reino de Deus	Meta: Convencer pelas atitudes e não apenas pelo discurso
rumo à plenitude	Meta: Dimensão Escatológica

## A IMAGEM DA CASA

As DGAE 2019-2023 estão estruturadas a partir da Comunidade Eclesial Missionária, apresentada com a imagem da “casa”, “construção de Deus” (1Cor 3,9). Casa, entendida como “lar” para os seus habitantes, acentua as perspectivas pessoal, comunitária e social da evangelização, inserindo, no espírito da Laudato Si, a perspectiva ambiental. [4]

Criar um lar, em suma, é criar uma família; é aprender a se sentir unidos aos outros mais além dos vínculos utilitários ou funcionais, unidos de tal maneira que sintamos a vida um pouco mais humana. Criar lares, casas de comunhão, é permitir que a profecia tome forma e torne as nossas horas e nosso dias menos inóspitos, menos indiferentes e anônimos. É tecer laços que se constroem em gestos simples, cotidianos. [5]

Casa é aqui a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. [6]

Essa casa é a comunidade eclesial missionária. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores. Estão igualmente abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro do outro, especialmente os pobres e sofredores. [7]

A comunidade eclesial missionária é sustentada por quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Em cada um deles, as urgências anteriores são reagrupadas e permanecem mostrando sua atualidade:

- Palavra – iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;
- Pão - Liturgia e espiritualidade;
- Caridade - Serviço à vida plena;
- Ação Missionária - Estado Permanente de Missão [8]

## ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Introdução .....	1-9
Capítulo I: O Anúncio Do Evangelho De Jesus Cristo .....	10-40
Capítulo II: Olhar De Discípulos Missionários .....	41-72
Capítulo III: A Igreja Nas Casas .....	73-123
Capítulo IV: A Igreja Em Missão .....	124-202
Conclusão .....	203-210



## CAPÍTULO I: O ANÚNCIO DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO

*Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas e proclamando o evangelho do Reino. (Mt 9,35).*



### FIDELIDADE A JESUS CRISTO, MISSIONÁRIO DO PAI

“Para mim, o viver é Cristo!” (Fl 1,21) Somos todos convidados a renovar o encontro pessoal com Cristo e tomar a decisão de deixar-se encontrar por ele, pois, a vida que Jesus nos dá é uma história de amor, uma história de vida que quer se misturar com a nossa e criar raízes na terra de cada um... Esse encontro provoca uma conversão de vida que leva ao discipulado, gera comunidade e impele a sair em missão. [12]

Como o Reino é de Deus, o discípulo o acolhe por meio da fé (Mc 1,15), pois, “o primado é sempre de Deus”, “a verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir”, “a iniciativa pertence a Deus”. [14]

Quando contemplamos o Evangelho, encontramos dois verbos que marcam a relação de Jesus com os discípulos: “vinde” e “ide”. Jesus que chama é o mesmo Jesus que envia (Mc 3,13-15). Ele chama para estar consigo e para sair em missão. Por isso, não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária, como se uma só dessas dimensões bastasse. [18]



### IGREJA: COMUNIDADE DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DE JESUS CRISTO

A Igreja é a comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, ele que é a luz única para pessoas e povos (Jo 14,6). 24 “O que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos para que estejais em comunhão conosco [...] para que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1,3-4). Anunciar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, indicando o “horizonte estupendo” de vida que se abre a partir da comunhão com ele, é o centro da missão da Igreja. [19]



### MISSÃO: ANÚNCIO QUE SE TRADUZ EM PALAVRAS E GESTOS

Com as palavras: “Ide, pois, fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-os a observar tudo o que vos mandei” (Mt 28,19- 20a), Jesus Cristo confiou aos seus seguidores não uma simples tarefa, mas conferiu-lhes uma identidade que os projeta para além de si, na comunhão com a Santíssima Trindade, em favor do mundo inteiro, por meio do testemunho, do serviço e do anúncio do Reino de Deus. [21]



## CULTURA URBANA: DESAFIO À MISSÃO

“Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Neste “ide” de Jesus, que nos aponta para a origem trinitária da missão, “estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária”. O cenário atual é ambíguo, marcados por luzes e sombras. [27]

Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a cultura urbana, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências - humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso, que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana, torna-se um imperativo para a ação evangelizadora em nossos dias. [28]

As cidades atuais são ambientes nos quais as pessoas são continuamente chamadas a escolher, optar, desde aspectos mais imediatos até questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida. São locais onde se manifesta, ainda que em formas e graus diferentes, a tendência ao imediatismo, à diversificação e à fragmentação. São cidades diferentes das de outras épocas, exigindo, portanto, que a ação evangelizadora seja pensada levando em conta sua complexidade. [29]

Ao contemplar as cidades com inúmeros desafios, o olhar dos discípulos missionários identifica, de imediato, muitas formas de sofrimento, dentre as quais, a pobreza, o desemprego, as condições precárias de trabalho e habitação, a devastação ambiental, a falta de saneamento básico e espaços de convivência, a violência e a solidão. [30]



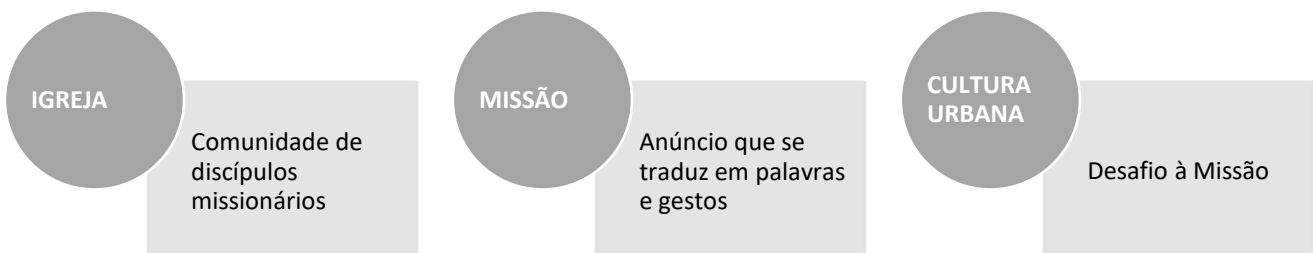
## COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS NO CONTEXTO URBANO

No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a conversão pastoral se apresenta como desafio irrenunciável. Esta conversão implica a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à Ação Missionária. [33]

Pequenas comunidades oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações. [34]

Muitas pessoas carecem da experiência da bondade de Deus. Não encontram qualquer ponto de contato com as Igrejas institucionais e suas estruturas tradicionais. [...] Se não chegarmos a uma verdadeira renovação da fé, qualquer reforma estrutural permanecerá ineficaz. [...] As pessoas precisam de lugares, onde possam expor a sua nostalgia interior. E, aqui somos chamados a procurar novos caminhos da evangelização. Um destes caminhos poderia ser as pequenas comunidades, onde sobrevivem as amizades, que são aprofundadas na frequente adoração comunitária de Deus. Onde há pessoas que partilham experiências de fé nos âmbitos da família, do trabalho e outros, testemunhando assim uma nova proximidade da Igreja à sociedade. Aparece de modo cada vez mais claro que todos necessitam deste alimento do amor, da amizade concreta de um pelo outro e pelo Senhor. [35]

A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade. [36]



## CAPÍTULO 2: OLHAR DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

*Ao ver as multidões Jesus encheu-se de compaixão. (Mt 9,36)*



### CONTEMPLAR PARA SAIR EM MISSÃO EM UM MUNDO QUE SE TRANSFORMA

A Igreja, sacramento universal de salvação, anuncia sempre o mesmo Evangelho. Nessa missão, ela é chamada a acolher, contemplar, discernir e iluminar com a Palavra de Deus a complexa gama de elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade à qual é enviada. Só a partir deste diálogo com a realidade, em constante mutação, ela será capaz de fazer com que o Evangelho chegue aos corações das pessoas, às estruturas sociais e às diversas culturas. [41]



### UMA CIDADE ONDE DEUS HABITA

Reconhecemos a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano. Por isso, a cidade se torna uma imagem importante para a ação evangelizadora em nossos dias. “A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos” (Dap, n. 514) Deus se faz presente em meio a todas as perplexidades que podemos experimentar. Cabe à Igreja, iluminada pelo Espírito Santo, contemplar esta realidade, distinguindo nela o que esse mesmo Espírito já está dizendo e fazendo (Ap 2,7.11.17.29), identificando as sombras que negam o Reino de Deus e as luzes, sinais do que o próprio Senhor está realizando.



### A VIDA NA GRANDE CIDADE MUNDIAL

O mundo das grandes cidades e da mentalidade ou cultura que nelas é gerada e alimentada, é local da individualidade. Se, por um lado, cada pessoa possui em si uma dignidade irrenunciável e insubstituível, fruto da ação criadora de Deus, por outro, discernimos como sombra a afirmação do indivíduo feita, em detrimento do convívio, da fraternidade e da comunhão. Quando isso acontece constatam-se atitudes de agudo individualismo, para o qual a satisfação de si torna-se critério determinante. Em consequência, as outras pessoas só tem valor e contam enquanto são úteis e capazes de produzir e oferecer algo. [49]

Outra característica de nosso mundo atual diz respeito ao consumo e ao consumismo, fato que o Papa Francisco definiu como “doença muito séria”. Vivemos um tempo em que tudo tende a ser feito para ser consumido, esgotado e conseqüentemente substituído. Com rapidez, objetos tornam-se ultrapassados, gerando a necessidade de reposição. Infelizmente, o que se faz com os objetos acaba por se transferir às relações humanas. [51]

Essa individualização consumista da vida está diretamente ligada a diversos fenômenos que nos assustam cada dia mais. Liga-se, por exemplo, à corrupção, atitude de quem só pensa em si, nos próprios interesses e ganhos, sequer olhando para os rastros de abandono e sofrimento que vai deixando pela vida. Liga-se ao triste e dilacerante comércio das drogas, para quem lucrar a qualquer custo implica gerar um número crescente de vítimas. Liga-se à violência como atitude organizadora da vida e da sociedade, que leva a enxergar a morte do outro como solução para os desafios e conflitos. Gera o esforço pela legalização da morte de quem ainda nem nasceu, bem como faz suscitar grupos de extermínio. Chega a quem, penando nas portas e sarjetas dos hospitais, não recebe o necessário atendimento, e continua lutando contra a morte, em meio ao desespero [52]

A forte acentuação na individualidade traz como consequência o enfraquecimento das instituições e das tradições, (Dap, n. 39) enquanto garantidoras do sentido da vida, dos rumos a serem seguidos e da paz social. Dentre essas instituições, preocupa de modo especial a fragilização da família, pois já não se trata apenas de reconhecer que existem dificuldades, mas de lidar com uma mentalidade que afirma claramente ser a família uma realidade ultrapassada (EG, n. 66; AL, n. 52). [53]

Outra marca de nosso mundo é a pluralidade, que se manifesta nos âmbitos da cultura, da ética, da vivência religiosa e associativa. São modos diferentes de compreender e avaliar a realidade. A pluralidade manifesta-se como luz na medida em que permite à pessoa exercer o dom da liberdade e escolher em meio a múltiplas variáveis. No entanto, ela se manifesta como sombra na medida em que, diante de cada pessoa, são também colocadas possibilidades de escolha que não conduzem à vida, mas ao sofrimento e à morte (Dt 30,19). [54]

Neste mundo, existem também propostas religiosas das mais variadas vertentes, fazendo com que o ambiente religioso se torne cada vez mais plural e diversificado. Esta realidade é luz na medida em que abre a possibilidade para que a experiência religiosa seja fruto de uma escolha livre e consciente e convoca pessoas e grupos a cultivarem o diálogo ecumênico e interreligioso.<sup>6</sup> Todavia, este mesmo ambiente religioso, manifesta-se como sombra na medida em que permite ao indivíduo tornar-se, ele mesmo, critério absoluto para a escolha de um caminho religioso, levando-nos a nos questionar até mesmo se se trata de efetiva abertura ao mistério de Deus. [55]

As grandes cidades são ainda locais de alta mobilidade. As pessoas se locomovem de um lado para outro, buscando ganhar a vida, tentando sobreviver. A vida, deste modo, já não acontece mais em um único local, mas exige frequentes deslocamentos. Estes podem ser luz enquanto permitem o encontro entre modos diferentes de lidar com a vida, entre compreensões e enfoques diversificados. São, no entanto, sombra quando se tornam forçados, como tem ocorrido com as populações em situação de rua, os migrantes e os refugiados, especialmente nas áreas pressionadas pelo mercado imobiliário ou por interesses de outros grupos econômicos. [57]

Diretamente ligada a todas essas características, encontra-se a pobreza, ausência do necessário para viver com a dignidade humana que decorre da condição de filhos e filhas de Deus. Um mundo no qual predomina o individualismo consumista tem se mostrado gerador de enormes desigualdades sociais, com excluídos para os quais não existe outra esperança de viver a não ser no próprio Deus, que lhes ouve o clamor. [58]

A pobreza se alarga, enfim, para o modo como lidamos com o planeta e seus recursos. É o desafio ambiental do mundo de nossos dias. Isso acontece porque o “ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social”. [60]

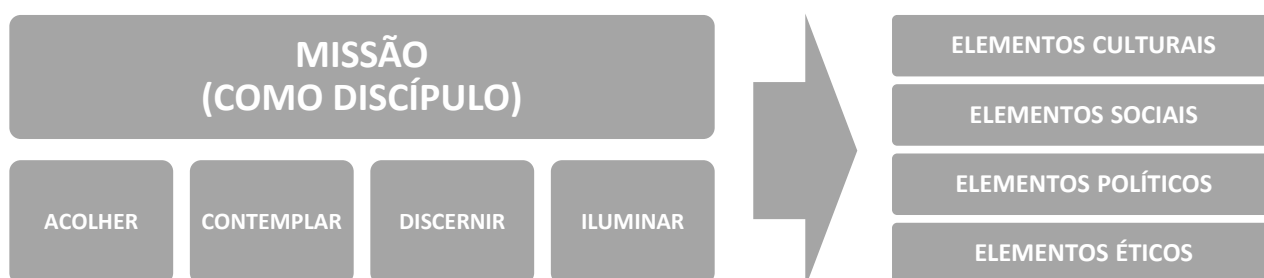
Em meio a tudo isso, percebe-se o desafio experimentado pelos jovens. Eles sentem na pele “a confusão e o atordoamento”, que dão “a impressão de reinar no mundo”. São os que mais se ressentem da fragilidade de referências e da precariedade de critérios. [62] Diante da aguda fragilidade de referências, a verdade é relativizada e individualizada, num complexo de possibilidades. Atinge-se, deste modo, a consciência de pessoas, grupos e da sociedade como um todo. Afeta-se a identidade, que, sem referências objetivas para se conduzir, acaba por oscilar, entregando-se à mercê das demandas oportunistas do mercado.<sup>6</sup> Valores como honestidade, integridade e abnegação correm o forte risco de serem absorvidos pela mentalidade de só pensar em si, de só buscar o que está ao alcance das mãos, sem se preocupar com as consequências para o futuro e mesmo para o presente. [63]



## O SENHOR ESTÁ NO MEIO DE NÓS!

A luz do Senhor se manifesta também nos esforços por compreender o mundo das cidades e sua influência sobre a vida de todo o País e mesmo do planeta. [68]

Este breve olhar sobre a atual realidade do Brasil, mostra que a ação evangelizadora necessita investir ainda mais no discipulado e na missionariedade. O discipulado implica deixar-se encontrar pelo Senhor, com Ele estar (Mc 8,13-15) e formar comunidade com os outros discípulos e discipulas (At 2,42-47). Nossas paróquias nem sempre têm conseguido cumprir plenamente essa função. (DAp, n. 173). Constatamos as luzes do heroísmo abnegado de tantos agentes de pastoral, que não medem esforços para vencer, por exemplo, grandes distâncias, nem se deixam reter pela ameaça da violência ostensiva. Reconhecemos, no entanto, as sombras que se manifestam nos mesmos territórios paroquiais, na pouca experiência de vida comunitária, no fechamento das pessoas em seus pequenos mundos, na falta de disponibilidade para ir ao encontro dos outros, especialmente os que se encontram nas periferias e na busca por uma religiosidade difusa e de consumo. [71]



INDIVIDUALIDADE

REDUÇÃO DA  
FUNÇÃO SOCIAL  
DO ESTADOCONSUMO E  
CONSUMISMOENFRAQUECI-  
MENTO DAS  
INSTITUIÇÕES E  
TRADIÇÕES

PLURALIDADE

PROPOSTAS  
RELIGIOSAS DAS  
MAIS VARIADAS  
VERTENTES

ALTA MOBILIDADE

POBREZA

PROBLEMÁTICA  
AMBIENTAL

JOVENS

## CAPÍTULO 3: A IGREJA NAS CASAS

*Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. (At 2,42)*



### A CASA DA COMUNIDADE

A casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas (Mc 1,29; 2,15; 3,20; 5,38; 7,24). Nas casas ele curava e perdoava os pecados (Mc 2,1-12), partilhava a mesa com publicanos e pecadores (Mc 2,15ss; 14,3), refletia sobre assuntos importantes, como o jejum (Mc 2,18- 22), orientava sobre o comportamento na comunidade (Mc 9,33ss; 10,10), e sobre a importância de se ouvir a Palavra de Deus (Mt 13, 17.43). [73]

Entre os primeiros cristãos, a experiência da Igreja na casa implicava um conjunto de relações para além dos laços familiares das casas tradicionais. A Igreja nas casas garantia um senso de pertença à família de Deus (Mc 3,31-35) e já não importava mais ser grego ou judeu, escravo ou livre, mas somente ser de Cristo (Cl 3,11; Gl 3,28). A casa-comunidade era o lugar do reconhecimento mútuo e, nela, seus habitantes deviam superar as distâncias e passar da simpatia ao encontro. [76]

A casa permitiu que o cristianismo primitivo se organizasse em comunidades pequenas, com poucas pessoas, que se conheciam e compartilhavam a mesa da refeição cotidiana. Pela partilha da mesa com todos os batizados se estabelecia um novo estilo de vida, marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos. [80]



### COMUNIDADE DE COMUNIDADES

As pequenas comunidades eclesiais missionárias que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local. São compostas por pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus Cristo, para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã numa sociedade de contrastes. [84]

A Igreja nas casas tem a coordenação de cristãos leigos e leigas, com proeminência das mulheres. Quem coordena é alguém com senso de pertença eclesial e amor à Igreja. [86]

Neste contexto, o ministro ordenado há de ser o cuidador e o animador das comunidades eclesiais missionárias, promovendo a unidade entre todas em vista de uma salutar descentralização. Seu ministério deve garantir a comunhão na comunidade entre os diversos grupos, associações, movimentos e serviços. Para isso, haverá de se compreender missionariamente como um ministro em movimento, visitando as pequenas comunidades, animando-as na vivência do evangelho, na ação missionária e na prática da solidariedade. [87]



### PILAR DA PALAVRA – Iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral *Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos. (At 2,42)*

As pequenas comunidades são ambientes propícios para a acolhida dos que buscam a Deus. A partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna na comunidade, as pessoas são introduzidas no processo de Iniciação à Vida Cristã. [89]

Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra. Os processos de Iniciação e a formação dos agentes evangelizadores precisam levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário,

fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal e para o compromisso comunitário e social. [90]



### PILAR DO PÃO - Liturgia e espiritualidade

*Eram perseverantes [...] na fração do pão e nas orações. (At 2,42)*

A mesa está no centro da celebração da fé cristã. Esta é sempre ato comunitário, que exige presença, acolhida das pessoas, cuidado e afeto pelos outros. A comunidade eclesial tem na Eucaristia a sua mesa por excelência. [94]

A comunidade eclesial, como casa que nutre seus filhos é sustentada pela oração. [95] A oração dos discípulos missionários de Jesus Cristo deve ser a expressão da espiritualidade do seu seguimento. [96].

Na pastoral, é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e eventos. Estes são importantes no cotidiano pastoral, mas não substituem a vida de oração. Ao contrário, devem decorrer dela e a ela conduzir. Muitas atividades podem facilmente levar os cristãos a caírem em tentações como ativismo, vaidade, ambição e desejo de poder. Nessa perspectiva, os agentes de pastoral correm o risco de se esquecer da dignidade batismal, como verdadeiros sujeitos eclesiais, reduzindo-se a meros voluntários. [97]



### PILAR DA CARIDADE – Serviço à vida plena

*Eram perseverantes (...) na comunhão fraterna. (At 2, 42)*

Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. [102]

As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas particulares, em nível local, regional e nacional, numa postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça e do bem comum, e cuidado com o meio ambiente. [104]

A Igreja anuncia o “evangelho da paz” (Ef 6,15), que é Jesus Cristo em pessoa (Ef 2,14). Isso significa não ignorar nem deixar de enfrentar os desafios da violência explícita ou institucionalizada pelas injustiças sociais, tarefa profética que exige ação de denúncia e anúncio, sendo voz dos sem voz, mas, também, promovendo atitudes de não-violência. [105]

A evangelização do mundo urbano não pode prescindir da questão do trabalho. A solidariedade com quem sofre as consequências do desemprego e do trabalho precário, é, pois, uma expressão importante de caridade. [106]

Igualmente, a caridade se expressa no empenho e na atuação política dos cristãos e das Comunidade Eclesiais. [107]

Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão. A ausência de sentido para a vida é fonte de grande sofrimento. De fato, a correria do cotidiano, a exigência de metas e desempenho e a lógica da eficiência afetam a qualidade de vida na sociedade atual, cada vez mais urbanizada, individualizada e consumista. O vazio tende a colocar em crise o sentido da vida para muitas pessoas. A frustração, especialmente de jovens, emerge quando não se consegue alcançar o desempenho sugerido pela sociedade de infinitas possibilidades. Também os cristãos são afetados por essa crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até o suicídio. [110]

A situação dos migrantes e refugiados preocupa a Igreja. [111] A Igreja preocupa-se igualmente com os povos indígenas, quilombolas e pescadores. [113]



### PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA: estado permanente de missão

*Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades. (At 8,40)*

Um mundo cada vez mais urbano, embora possa assustar, é, na verdade, uma porta para o Evangelho, e as comunidades cristãs precisam ter um olhar propositivo sobre essa realidade, cientes de que Deus “preparou uma cidade para eles” (Hb 11,16). Ele é quem abre a porta da fé (At 14,27) em um mundo plural e sedento de sentido e de vida plena, só alcançáveis em Deus. [114]



Precisamos perceber que, “se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência, é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG, n. 49). [115]

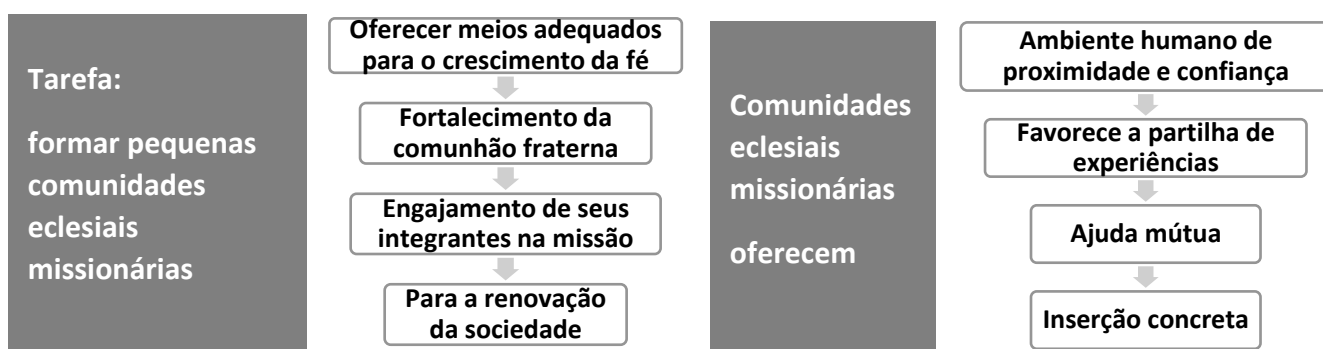
A missão, irradiação da experiência do amor gratuito e infinito de Deus, supõe um anúncio explícito da Boa-Nova de Jesus Cristo. Atualmente, o querigma não pode ser dado como pressuposto, nem mesmo entre os membros da própria comunidade. [116]

Para ser missionária, a comunidade eclesial necessita também se inserir ativa e coerentemente nos novos areópagos, dentre os quais se encontram as redes sociais. [118]



## RUMO À CASA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

A Igreja peregrina atua na sociedade porque se autocompreende como sacramento universal de salvação que tem um fim escatológico. A ação evangelizadora e pastoral tem como meta a salvação da pessoa e da humanidade. Salvação que se entende integral, “da alma e do corpo, é o destino final ao qual Deus chama todos os homens”. É participação na obra de Cristo que veio salvar e conduzir a todos à Casa do Pai, onde há muitas moradas. Essa perspectiva do fim último deve marcar toda e cada ação da Igreja na história. Essa dimensão escatológica, que suscita a esperança que vence a morte, é uma importante força da espiritualidade cristã. A comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo é guiada pelo Espírito Santo, que a todos conduz à Casa definitiva do Pai, onde há muitas moradas (Jo 14,2). Por isso a comunidade eclesial reúne um povo de peregrinos a caminho do Reino de Deus, rumo à Pátria trinitária (Fl 3,20). [121]



**COMO SÃO COMPOSTAS ?**

“São compostas por pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus Cristo, para escutar a Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã em uma sociedade de contrastes. Vencem o anonimato e a solidão, promovem a mútua ajuda e se abrem para a sociedade e para o cuidado da Casa Comum”. (84)

**QUEM AS COORDENA ?**

“Tem a coordenação de cristãos leigos e leigas, com proeminência das mulheres. Quem coordena é alguém com senso de pertença eclesial e amor à Igreja”. [86]

## CAPÍTULO 4: A IGREJA EM MISSÃO

*Era grande a alegria na cidade. (At 8,8)*

As dimensões do Brasil nos levam a acreditar que é impossível pensar de maneira uniforme a ação evangelizadora. Somente com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo, é possível apontar horizontes a partir de perspectivas transversais que toquem todas as realidades, independentemente das circunstâncias locais. [124]

O modelo para a nossa ação é, e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). [125]

Existem muitas possibilidades para aplicar as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Todas partem da comunidade e continuam a fazer referência a ela. Pequenas ou grandes, no campo ou na cidade, a partir de paróquias ou de grupos reconhecidos pela autoridade eclesial, a comunidade é o ambiente de testemunho determinante para anunciar a Boa Nova e acolher quem dela se aproxima e ir ao encontro das pessoas. [126]



### A COMUNIDADE-CASA

A Igreja no Brasil, em sua ação evangelizadora, assume o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Enquanto casa, as comunidades que queremos, são espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, são o lugar da família e têm suas portas abertas. [129]



#### CASA: Espaço do encontro

Nossas comunidades precisam ser oásis de misericórdia no deserto da história, casas de oração profunda, de mergulho no sagrado mistério revelado pelo Amor do Pai. Devem deixar de lado toda burocratização que afasta, toda aparência de empresa que presta serviços religiosos, para caminhar apressadamente no compromisso de se transformarem em lugar de encontro com Deus. [132]



#### CASA: Lugar da ternura

Nossas comunidades precisam ser lugar do olhar, do abraço e do afeto: olhar o outro e ver nele um irmão, imagem de Deus; acolhê-lo e perceber nele alguém que partilha de um destino comum. Devemos privilegiar a linguagem da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial, que toca o coração, a vida, desperta esperança e desejos” (ChV, n. 211). [134]



#### CASA: Lugar das famílias

Entre todas as realidades que compõem as comunidades de fé, a família demanda atenção renovada. A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* nos impele a ir ao encontro das famílias, com atenção especial e ternura de quem coloca uma ovelha ferida no colo. A família é ponto de chegada para nossa ação pastoral e ponto de partida para a vida comunitária mais ampla. [138]



#### CASA: Lugar de portas sempre abertas

A comunidade como lugar de portas sempre abertas é também indicação para a missão. Quem está dentro é chamado a sair e ir ao encontro do outro onde quer que ele esteja. Ela nunca poderá ser compreendida como casa de irmãos se fechar suas portas para as pessoas mais vulneráveis, Não poderá haver uma comunidade autenticamente cristã que não seja Porta de Misericórdia para todos que precisam. [141]



## OS PILARES DA COMUNIDADE

A comunidade eclesial missionária, como ambiente de vivência da fé e forma da presença da Igreja na sociedade, é sustentada por quatro pilares fundamentais: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. [144]



### PILAR DA PALAVRA – Iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral

#### Encaminhamentos práticos:

- Assumir o caminho de iniciação à vida cristã, de inspiração catecumenal, com a necessária reformulação da estrutura paroquial, catequética e litúrgica, com especial atenção à catequese para a recepção e vivência dos sacramentos com crianças, jovens e adultos (sacramentos da iniciação cristã e demais). [150]
- Revisar o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias, possibilitando que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais. [151]
- A apresentação de Jesus Cristo necessita ser cada vez mais explicitada. Daí a importância da iniciação à vida cristã, a ser disponibilizada pela Igreja, tantas vezes quantas forem necessárias, inclusive para quem já tenha recebido os três sacramentos da iniciação cristã. [152]
- A comunicação e o anúncio da pessoa de Jesus Cristo não podem ser apenas teóricos. [153]
- Universalizar o acesso à Sagrada Escritura, assumindo-a como alma da missão. [155]
- Priorizar pequenas comunidades eclesiais, ao redor da Bíblia, como fruto imediato da visita missionária. [156]
- Assumir a leitura orante da Palavra como o método por excelência para o contato, pessoal e comunitário, com a Sagrada Escritura. [157]



### PILAR DO PÃO - Liturgia e espiritualidade

#### Encaminhamentos práticos:

- É necessário promover uma liturgia essencial, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística, mas que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária. [162]
- Resgatar a centralidade do domingo como Dia do Senhor por meio da participação na Missa Dominical ou, faltando essa, na Celebração da Palavra. [164]
- Incentivar a piedade popular, historicamente construída e enraizada. [166]
- Valorizar o canto litúrgico, o espaço sagrado e tudo que diz respeito ao belo como serviço à vida espiritual. Nesse sentido, incentive-se a comunhão entre as pastorais da Liturgia e da Catequese, da Cultura e da Arte Sacra. [167]
- Respeitar o ano litúrgico nas suas especificidades, tanto no conteúdo quanto na forma. [168]
- Zelar pela qualidade da homilia, cuidando para que a vida litúrgica lance raízes profundas na existência e na vida comunitária e social. [169]



### PILAR DA CARIDADE – Serviço à vida plena

#### Encaminhamentos práticos:

- Promover a solidariedade com os sofredores nas cidades como sinal privilegiado a interpelar e a permitir o diálogo com a mentalidade urbana. Enquanto a cidade tende ao individualismo que acaba por excluir, a vivência do Evangelho necessita explicitamente gerar experiências de solidariedade e inclusão. Junto aos que sofrem, especialmente os que sequer têm direito à sobrevivência, a Igreja é chamada a reproduzir a imagem do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). [174]
- Priorizar as ações com as famílias e com os jovens (...) A ação pastoral junto às famílias e aos jovens deve estar presente em todas as comunidades, abrindo-se espaços para diferentes formas de vivência da mesma fé. [175]
- Aguçar a atenção às inúmeras (DAP, n. 65 e 402) e novas formas de sofrimento e exclusão, nem sempre acolhidas pela ação caritativa e sociotransformadora até então desenvolvida. [177]
- Desenvolver grupos de apoio às vítimas da violência nas suas mais variadas formas. [178]
- Inserir na lista de prioridades das comunidades de fé o cuidado para com a Casa Comum, em sintonia com o magistério social do Papa Francisco. [181]
- Assumir como prioridade a promoção da paz com a superação da violência em todas as suas formas. É fundamental reconhecer que os conflitos não se resolvem com o acesso e uso das armas. [183]

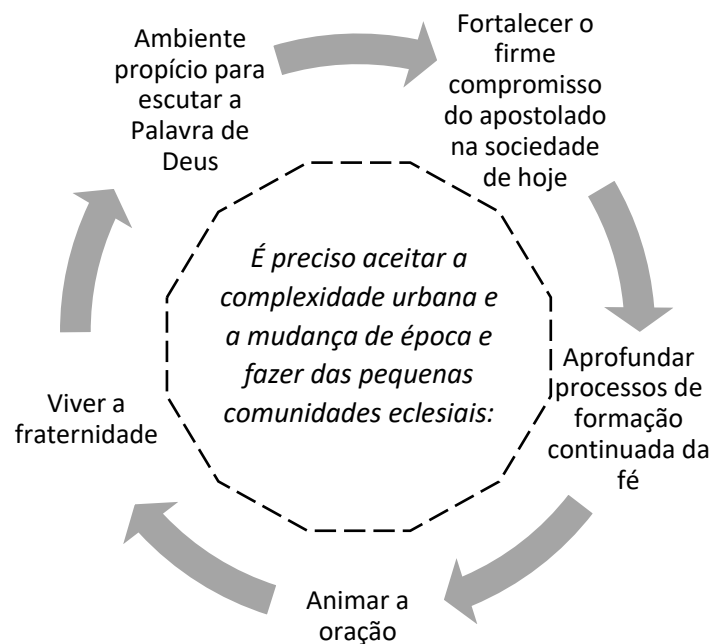
- Ser a voz dos que clamam por vida digna. A comunidade, Casa da Caridade a serviço da vida, não pode abdicar desta preocupação e desta responsabilidade. [184]



PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA: estado permanente de missão

#### Encaminhamentos práticos:

- Investir em comunidades que se autocompreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral (Dap, n. 366 e 370). Novos lugares, novos horários, linguagem renovada e pastoral adequada às novas demandas da população são algumas características das respostas esperadas. [189]
- Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja. Estabelecer um cronograma de visitas. [191]
- Considerar uma prioridade pastoral histórica o investimento de tempo, energia e recursos com os jovens. Formar acompanhadores de jovens, promover missões juvenis em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais (ChV, n. 240, 241 e 246). [194]
- Valorizar, urgentemente, como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção. Em espaços assim, a presença fraterna e orante é o ponto de partida para o anúncio e a formação de comunidades. [196]
- Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve ser o pano de fundo para a missão permanente. [197]



## CONCLUSÃO

Estas Diretrizes foram elaboradas para ajudar a Igreja no Brasil a responder aos desafios evangelizadores de um Brasil cada vez mais urbano. [203]

É fundamental valorizar o processo de implantação destas Diretrizes.[204]

Essas Diretrizes precisarão inspirar a formação, o planejamento e as práticas de todas as instâncias eclesiais: comissões pastorais da Conferência Episcopal, Regionais, Igrejas particulares, paróquias, seminários, pastorais, comunidades ambientais, movimentos, associações, novas comunidades, organismos, universidades e escolas católicas, meios de comunicação eclesiais, entre outros. [208]